

NOTÍCIAS

The Global Competitiveness Report 2012-2013

Conselho geral reúne-se na AESE

Professor Manuel Rodrigues concluiu o doutoramento

PDE: como preparar as empresas para os desafios?

Propostas de atividades para os Alumni da AESE

Soluções e remédios

OPINIÃO

“Reforma ativa: mais saúde, servindo”

PANORAMA

China: os novos ricos do mercado da arte

9 em 10 mortes violentas têm a ver com o crime

Que as crianças pequenas brinquem, em vez de verem televisão

Imparável

DOCUMENTAÇÃO

Comunicar através de histórias

Warren Buffett, salvador de jornais

AGENDA

Início do 12º Executive MBA AESE/IESE

Lisboa, 4 de outubro

Início do PGL

Porto, 8 de outubro
Lisboa, 18 de outubro

TIC: Fazer melhor com menos

Lisboa, 9 de outubro

Negociar com eficácia

Porto, 17 a 19 de outubro

Como desenvolver a minha capacidade relacional ?

Lisboa, 22 a 24 de outubro

Marketing as Strategy in Action

Lisboa, 6 de novembro

[5 de setembro de 2012](#)

[O World Economic Forum regressa à AESE para apresentar](#)



The Global Competitiveness Report 2012-2013

No dia 5 de setembro, a AESE volta a ser a anfitriã da apresentação do Global Competitiveness Report Index de 2012-2013 do World Economic Forum. O relatório avalia o posicionamento competitivo de Portugal relativamente a indicadores económicos, entre 144 países.

A apresentação será seguida de um painel de comentários com convidados, em que serão discutidos os resultados e a sua evolução ao longo dos anos.

Este evento resulta da parceria entre o World Economic Forum, a AESE, a PwC, a Proforum e FAE.

Garanta a sua presença no evento de apresentação do Global Competitiveness Report 2012-2013, [inscrevendo-se](#) no site.

Programa

11:00 - Sessão de Abertura

11:10 - Análise dos pilares e dos índices e Comparação com séries históricas

Jaime Esteves, PwC

11:25 - Debate sobre a Competitividade de Portugal – Painel

Isabel Ferreira, BEST

Pedro Gonçalves, Vallis

Luís Rodrigues, TAP

Rui Paiva, WeDo


Miguel Beleza

João Salgueiro

Moderador: Francisco Ferreira da Silva, Diário Económico

12:25 Resumo das Recomendações

12:45 Competitividade em Cenário de Recessão

Carlos Nuno Oliveira, Secretário de Estado do Empreendedorismo, Competitividade e Inovação 



[14 de julho de 2012](#)

[AESE e o futuro](#)

Conselho geral reúne-se na AESE

O encontro dos membros do Conselho geral da AESE realizou-se no passado dia 14 de julho.

A sessão foi dividida em dois momentos, sendo que na primeira

parte os participantes apresentaram a sua visão sobre as tendências de Portugal sob a perspetiva económica e social e, na segunda, sugeriram medidas e iniciativas para fortalecer o plano

de ação para 2013 e abrir novas perspetivas estratégicas para o futuro que permitam à AESE cumprir a sua missão de serviço aos dirigentes, às empresas e à sociedade. ▣



No fotografia (da esquerda para a direita): José Silva Rodrigues (CARRIS), Ana Paula Carvalho (Pfizer e 6º PADIS), Raul Diniz (AESE e 9º PADE), Jorge Jardim Gonçalves (Osório e Gonçalves e 1º PADE), Jorge Ribeirinho Machado (AESE e 1º Executive MBA AESE/IESE), Fátima Carioca (AESE e 28º PDE), Pedro Pimentel (AESE e 10º PADE), Ana Paula Moutela (33º PADE), Fernando Fragueiro (IAE), José Ramalho Fontes (AESE, PADE), Jon Velasco (HUF e 26º PADE), Luís Cabral (NYU e IESE), e Rui Semedo (Banco Popular e 27º PADE)

[Julho de 2012](#)

[Faculty da AESE em crescendo](#)



Professor Manuel Rodrigues concluiu o doutoramento

Com um MBA do IESE Business School da Universidade de Navarra e um MBA Exchange Program da Kellogg School of Management da Northwestern University, em Chicago, o [Prof. Manuel Rodrigues](#) terminou com sucesso o doutoramento em Gestão na área de Finanças, na Cranfield School of Management, no Reino Unido.

A defesa viva (assim se designa no Reino Unido, recordando a expressão latina), realizou-se no dia 26 de julho. A discussão das conclusões demorou duas horas e versou sobre a construção do rating da dívida pública, um tema de grande atualidade.

Um dos papers incluídos, consiste na “Performance of Structural Models in Pricing Credit Spreads”.

No início do ano letivo 2012/2013, Manuel Rodrigues assumirá as funções de Diretor-geral de NAVES, Sociedade de Capital de Risco SCR, em substituição de João Magalhães. ■



Prof. Manuel Rodrigues, da AESE

[Novas edições do Programa de Direção de Empresas](#)



PDE: como preparar as empresas para os desafios?

O PDE tem já três novas edições agendadas em 2012/2013. Em Lisboa o programa realizar-se-á de 21 de novembro de 2012 a 15 de maio de 2013 e de 30 de janeiro a 17 de julho de 2013. A 52ª edição terá lugar no Porto, de 29 de janeiro a 16 julho de 2013.

António Sá, Diretor de Informática e Telecomunicações, Inovação e Projetos IDI da Cooprofar, explica o que o levou a obter este diploma da AESE:

“A decisão de frequentar o PDE foi o resultado de uma reflexão profunda sobre o caminho a percorrer para a concretização dos meus objetivos. Das várias opções de formação disponíveis, este programa apresentou-se como a escolha mais completa pela abrangência das matérias abordadas, mas

também pelo método de aprendizagem. Desenhado para responder às exigências das áreas do comportamento humano, finanças, estratégia, marketing e operações o PDE sustenta a aprendizagem e o conhecimento numa partilha entre professores e alunos baseado no estudo de casos reais enquadrados nas áreas do saber.

Este programa representou uma valia muito importante na fase da vida e carreira em que me encontro, pela formação complementar adquirida e pelas vivências partilhadas. A minha participação no PDE constituiu uma experiência altamente enriquecedora e motivadora, que recomendo a todos os que têm responsabilidades de gestão e direção de empresas.

Este programa está organizado e





estruturado por forma a equilibrar os diários compromissos pessoais e profissionais. O método de estudo de casos como ferramenta pedagógica é um instrumento extremamente rico que potencia o progresso e enriquece a aprendizagem. São aprofundadas competências, abordados temas e partilhados conhecimentos e experiências que fortalecem substancialmente os nossos talentos e nos preparam para o futuro. O programa está muito bem desenhado onde os saberes necessários aos diretores de empresas se alicerçam nos valores fundamentais do ser humano.

Sublinho as horas despendidas na discussão de casos práticos, partilhadas com um grupo de pessoas com diferentes formações de base e respetivos pontos de vista. Esta experiência traduziu-se numa aprendizagem única e marcante na minha formação pessoal e profissional. Tenho que referir a renovação que o PDE fez em mim, enquanto pessoa e profissional, fundamentalmente na

forma como deve ser preparada e dirigida uma empresa para enfrentar os dias de hoje.” □

[De setembro a dezembro de 2012](#)

[Sessões de continuidade](#)



Propostas de atividades para os Alumni da AESE

A pensar na organização da agenda que os dirigentes e executivos terão de fazer no regresso de férias, o Agrupamento de Alumni da AESE propõe um primeiro calendário de atividades até dezembro de 2012.

Programa de continuidade

18-set, terça feira

“A Política, o Justo e o Bem”, com o Prof. Pedro Ferro, da AESE

20-set, quinta feira

“A Macroeconomia Brasileira”, com o Prof. Fernando Bagnoli, do ISE Brasil

27-set, quinta feira

Cátedra AESE-EDP: “Questões fundamentais de Responsabilidade Social”, com Antonio Argandoña, do IESE

A participação nas sessões é feita mediante inscrição prévia.

23-set, domingo

3º Torneio de Golf dos Alumni da AESE e do IESE

4-out, quinta feira

“A inovação e a sua proteção Nacional e Internacional”, com César Bessa Monteiro, da PBBR Advogados

18-out, quinta feira

“As políticas Sociais e a motivação dos Colaboradores”, com Prof. Fátima Carioca, da AESE. ■



[Setembro de 2012](#)

[Boletim da Capelania](#)



Soluções e remédios

Talvez uma das causas das perturbações sociais seja a procura de soluções para os problemas de todo o género e espécie que se vão sucedendo. Porque os problemas sociais, tal como os da saúde individual, não têm solução; só podem ter remédios. A sociedade, como o indivíduo, nunca atingirá um equilíbrio nem um desenvolvimento estáveis. Nunca se conseguirá perfeita justiça, contínuo crescimento económico, pacífico entendimento nacional e internacional, definitivo sistema de educação, regime político ao gosto de todos, organização administrativa plenamente satisfatória, etc. Todo aquele e qualquer ideologia, que prometam «soluções» radicais são tão ridículos como o feirante ou o astrólogo que anunciem a pomada salvadora ou a energia astral que resolve as questões de amor, de dinheiro e de ciática.

Só pode haver «remédios», «medidas», que abrandem a pobreza, elevem o nível de vida, simplifiquem a burocracia, suavizem conflitos, dêem melhor acesso aos hospitais e às escolas, mais despacho aos tribunais, etc. Mas contando sempre com novos problemas, às vezes fruto dessas «boas» medidas, que o seriam então, mas de cujas consequências ninguém se precavava... Soluções que eliminem de vez as «questões sociais» não existem.

Oferecer tais soluções é mentir. Esperar essas soluções é ingenuidade. Exigir definitivas soluções é demagogia. Mas o sonho do paraíso terrestre exaspera-nos, e não desistimos, geração após geração, de tentar descobrir a pedra filosofal que tudo resolva. Só a sabedoria egípcia a descobriu: «Oxalá pereça o homem, volte o silêncio e





desapareça para sempre o furor». Curiosamente, tem sido esta a «solução» ocidental, tentando por todos os meios extinguir a família... Mas a isso não pode chamar-se «solução»; apenas «dissolução».

Como dizia ao princípio, esta fúria «solucionadora» ainda exacerba mais as dificuldades que temos. Pois qualquer medida que se tome enferma, por força, de limitações, que não estamos dispostos a reconhecer. E o homem, além de limitado, é um ser doente, desequilibrado, «pronus ad peccatum» - inclinado ao mal e ao disparate -, como diz a teologia. Incurável, no sentido de que a sua digníssima racionalidade não o faz necessariamente razoável, e a sua digníssima liberdade sofrerá sempre a pressão de paixões difíceis de controlar. É este homem e esta sociedade doentes que é preciso ter em conta.

Partir do princípio de que tudo tem solução, se há «vontade política», é enganar-nos a nós mesmos. Como os maus doentes não se dei-

xam tratar, e toda a melhoria lhes parece pouca, atribuindo-a à falta de «vontade médica», assim procedemos nós com frequência na vida familiar, social e internacional. E esta impaciência significa duas coisas: uma forma de preguiça - fuga do trabalho continuado - e uma expressão de desesperança: não ver nada além do dinheiro.

[Pe Hugo de Azevedo](#) 

Edição anterior:

[As Férias](#)

Julho de 2012

AGENDA



Programas



Programa
12º Executive MBA
AESE/IESE

Lisboa, 4 de outubro

[Saiba mais >](#)



Programa
PGL – Programa de
Gestão e Liderança

Porto, 8 de outubro

Lisboa, 18 de outubro

[Saiba mais >](#)

Seminários



Seminário
TIC: Fazer melhor com
menos custos

Lisboa, 9 de outubro

[Saiba mais >](#)



Seminário
Negociar com eficácia

Porto, 17 a 19 de outubro

[Saiba mais >](#)



Seminário
Como desenvolver
a minha capacidade
relacional?

Lisboa, 22 a 24 de outubro

[Saiba mais >](#)

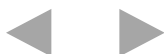


Seminário
Marketing as Strategy
in Action

Lisboa, 6 de novembro

[Saiba mais >](#)

BLOG



Partilhe connosco a sua opinião



Eugénio Viassa Monteiro, [Professor da AESE](#), Presidente da AAPI e autor do livro “O Despertar da Índia”

“Reforma ativa: mais saúde, servindo”

“Imagine-se nesta situação: solicitou e foi-lhe concedida a reforma, encontrando-se há 4 semanas a gozar dela. Muito provavelmente terá passado por alguns destes estados de espírito. A primeira semana foi toda de novidades e de sensações: já posso descansar, fazer coisas que gosto como passear, ler, ouvir música, ir ao teatro ou ver filmes de cowboys, coisas que há muito não podia fazer... Que bom!”

[Leia mais](#)

Publicado na revista Nova Cidadania, na edição de primavera – verão de 2012

**PANORAMA**

China: os novos ricos do mercado da arte

O mercado mundial da arte, que esteve em declínio em 2008 e 2009, recuperou em 2010, atingindo um valor de 43.000 milhões de euros. Esta recuperação foi impulsionada pelos EUA e China, onde a riqueza acumulada pelos grandes patrimónios já é maior do que na Europa.

Atualmente, a China é o segundo maior mercado mundial da arte; o seu valor duplicou de 2009 para 2010, alcançando os 9.800 milhões de euros. A sua participação no mercado mundial da arte foi de 23%, só superada pelos EUA com 34%, mas a margem estreitou significativamente nos três últimos anos.

São dados de “O mercado global da arte em 2010. Crise e recuperação”, relatório avançado pela The European Fine Art Foundation (TEFAF) e do relatório da web.artprice.com, assinado por Thierry Ehrmann, seu fundador e presidente. Trata-se dos estudos mais confiáveis para os interessados no mercado da arte.

Clare McAndrew apresenta também vários dados complementares em www.tefaf.com, sobre a recuperação do mercado da arte favorecida pelo gasto muito significativo por parte dos compradores de arte chinesa e de outros mercados.

“A China ultrapassou os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, convertendo-se, em 2010, no primeiro país do mercado mundial de venda de obras de arte em leilão”.

“Neste período de maior crise, só a arte antiga ou dos grandes mestres – pouca sujeita aos efeitos das modas e da especulação – manteve os preços médios das pinturas, que caíram menos de 10%”. “O período de 2008 a 2010 foi uma época de crise e de recuperação para o mercado da arte e das antiguidades”, salientam os relatórios. “Ao longo do ano de 2009, os gastos em artigos de luxo conheceram uma forte contração em muitos países tendo,

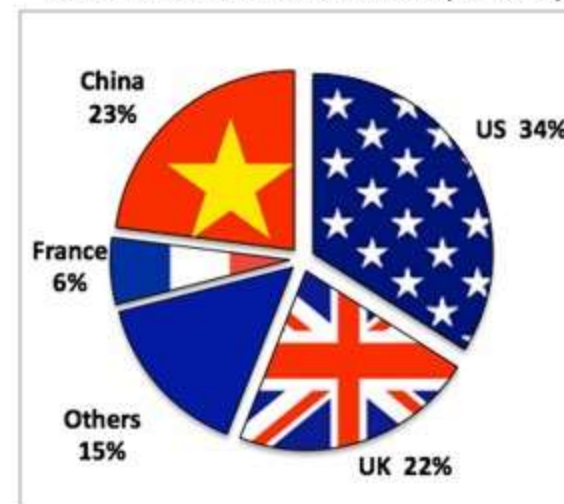
»»



contudo, o ano de 2010, trazido consigo os primeiros sinais de recuperação económica, graças a uma maior confiança do comprador e, bem assim, ao facto de os compradores chineses terem sido uma fonte de crescimento em muitos setores de luxo” [Relatório publicado em www.artprice.net, e citado por www.revistadearte.com (Revista de Arte – Logopress) e, ainda, entre outros, por www.nial-advocats.com].

A “Aceprensa” publicou o gráfico seguinte, com as percentagens do Mercado Mundial da Arte 2010:

Mercado Mundial del Arte 2010 (en valor)



Fuente. Arts Economics



Tanto a participação global no mercado da arte, como os leilões, realçam a importância da China. Não se trata somente de os chineses investirem em arte, como, também, de vários artistas chineses estarem hoje entre os mais cotados do mundo: Qi Baishi, Zhang Daqian, Xu Beihong, Fu Baoshi e Li Keran.

A obra “A Long Life, a Peaceful World” (1946) de Qi Baishi, foi vendida na casa de leilões China Guardian Auctions, em Beijing, a 22 de maio de 2011, por 65 milhões de dólares, convertendo-se na obra de arte chinesa mais cotada da história. Qi Baishi

(1864-1957) realizou esta pintura no estilo tradicional chinês. O autor foi o artista mais cotado nos leilões de arte na China em 2010 e é, depois de Picasso e à frente de Warhol, o primeiro artista no *top* mundial do mercado da arte.

Zhang Daqian (1899-1983) é um dos pintores chineses mais fascinantes da história do século XX, não só porque a sua obra está extremamente cotada no mercado da arte, como por ter sabido juntar, nas suas obras, a tradição pictórica clássica do seu país, com as propostas artísticas contemporâneas.

Daqian fez um trabalho importantíssimo no âmbito da modernização da arte chinesa, avançando na fusão da arte ocidental com a oriental. A sua paixão pelas criações ancestrais e pela arte do seu país, levaram-no a converter-se num requintado colecionista de pintura e antiguidades chinesas, ao mesmo tempo que realizava perfeitas falsificações que, em muitos casos, foram exibidas como autênticas por importantes museus de todo o mundo.

P. M. ■



PANORAMA

9 em 10 mortes violentas têm a ver com o crime

Contra o que poderia parecer, não foi o Iraque o país do mundo onde aconteceu um índice mais elevado de mortes por violência entre 2004 e 2009. O primeiro lugar foi ocupado por El Salvador, embora não costume aparecer nos títulos dos jornais, à frente do Iraque e da Jamaica. Por regiões, as mais violentas foram a América Central (com 29 mortos por 100.000 habitantes), seguida pela África Austral (27,4) e pelas Caraíbas (22,4).

São dados do relatório “Global Burden of Armed Violence 2011”, do secretariado da Declaração de Genebra, uma iniciativa diplomática que estuda as relações entre violência e desenvolvimento.

As principais conclusões desta segunda edição do relatório (o anterior é de 2008) são:

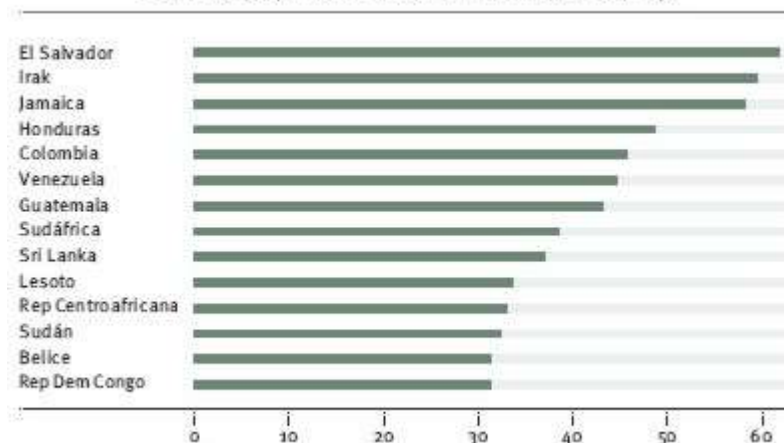
- 526.000 pessoas morrem anualmente em resultado de atos de violência. Mas só uma em cada dez mortes violentas ocorrem em situações de conflito bélico ou de atos terroristas, enquanto que 396.000 são homicídios intencionais, 54.000 são homicídios não premeditados e 21.000 sucedem devido a intervenções das forças de segurança.

- As mortes devido a violência concentram-se em determinadas regiões e num número pequeno de países. A taxa mundial de mor-

tes causadas pela violência no período 2004-2009 foi de 7,9 por 100.000 habitantes. Mas existem grandes disparidades: enquanto na Europa, Canadá, Magrebe ou Índia, a taxa está em cerca de 3 por 100.000, há 14 países onde a taxa é superior a 30 (ver gráfico que foi publicado em “Aceprensa”). Isto significa que 25% das mortes violentas no mundo (umas 125.000) ocorrem em apenas 14 países, que somam menos de 5% da população mundial. Destes 14 países, 7 pertencem à América Latina ou às Caraíbas.



Países con tasa promedio anual de muertes violentas de más de 30 por cada 100.000 habitantes, 2004-09



FUENTE: Base de datos CGVA 2011

– A percentagem de homicídios relacionados com as quadrilhas ou o crime organizado é consideravelmente mais elevada na América Latina. Em El Salvador, a taxa de mortes violentas foi superior a 60 por 100.000 habitantes.

– A linha divisória entre conflito armado e violência criminosa é cada vez menos nítida. A violência aparentemente arbitrária ou criminosa também pode ser utilizada para alcançar objetivos políticos que coincidem com os dos grupos armados. E as atividades criminosas, como o tráfico de drogas, também foram utilizadas para financiar atos bélicos (Afeganistão, Colômbia, Bósnia-Herzegovina).



– As taxas de homicídios relacionados com assaltos e roubos, tendem a ser maiores em países com grandes desigualdades de rendimentos.

– Existe um vínculo entre elevadas taxas de homicídios, elevadas percentagens de homicídios cometidos com armas de fogo e baixas percentagens de casos resolvidos pelas forças de segurança. O relatório adverte que os países que apresentam este conjunto de fatores, como El Salvador e Jamaica, correm o risco de cair numa espiral crescente de violência e impunidade.

– As vítimas da violência são muito mais homens (87%) do que mulheres (13%). Em países com taxas de homicídios relativamente

baixas, como Áustria, Japão, Noruega ou Suíça, a proporção de vítimas entre homens e mulheres está mais equilibrada.

A distribuição da violência letal pode ser também muito desigual dentro de um país. Por exemplo, no México, a taxa de mortes violentas foi de 18,4 por 100.000 habitantes em 2009, mas no estado de Chihuahua (onde se situa Ciudad Juárez) foi de 108.

No México D.F., a criminalidade está a cair, graças a um grande investimento em segurança. Foi inaugurado um Centro de Comando anticrime (C4i4) que aglutina todos os trabalhos de segurança que se levam a cabo na capital mexicana. Aí se analisam as imagens enviadas por 8.000 câ-

maras instaladas nas ruas da capital e as 5.000 localizadas no metropolitano, que fazem desse distrito federal uma das capitais mais vigiadas do mundo. O apoio de ferramentas de cartografia digital permite localizar por GPS todos os carros patrulha da polícia e enviá-los para onde seja necessário a cada momento. Pelo menos, será mais fácil saber o que se passa.

Na Guatemala, El Salvador e Honduras têm-se vindo a estender as atividades do narcotráfico mexicano e colombiano, o que gera uma crescente criminalidade. As quadrilhas, ou gangues, fazem extorsões ao pequeno comércio, têm laços com os cartéis da droga e competem pelo seu território contra as forças de segurança.





A proteção custa cara e é um obstáculo para o desenvolvimento. Em El Salvador, há 21.140 vigilantes privados, enquanto que a polícia tem 16.000 membros. E calcula-se que as empresas estabelecidas no país gastam 7,7%

dos seus orçamentos em segurança. Na América Central, segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento, a criminalidade provoca prejuízos equivalentes a quase 8% do PIB. O relatório do secretariado da Declaração de

Genebra adverte que existe uma forte ligação entre elevadas taxas de homicídios intencionais e índices mais elevados de pobreza. ■

PANORAMA



Que as crianças pequenas brinquem, em vez de verem televisão

Os ecrãs não educam: as crianças pequenas tiram muito mais proveito a brincar ou a falar. Por isso, a Academia Americana de Pediatria aconselha limitar o tempo que passam a ver produtos audiovisuais, ou até perante o aparelho aceso, mesmo que estejam a fazer outra coisa. Não é porque lhes

cause prejuízos, mas porque lhes impede que façam outras coisas realmente benéficas.

Esta recomendação oficial é uma nova versão da publicada em 1999, ainda mais severa contra a televisão, que recebeu muitas críticas pelo seu caráter avassa-

lador e falta de realismo. Anteriormente, a Academia aconselhava retirar praticamente por completo a televisão às crianças menores de dois anos e fazer um controlo escrito do tempo que elas passavam com meios audiovisuais, a entregar ao pediatra nas consultas periódicas.



Agora, a Academia salienta que, de momento, não existem provas de que os meios audiovisuais (incluindo computadores, videojogos, telemóveis...) prejudiquem o desenvolvimento das crianças pequenas a longo prazo. Mas tão-pouco consta que tenham utilidade educativa para elas. Com crianças mais velhas, os programas educativos podem servir;

mas até aos dois anos, as crianças – e, isso sim, está comprovado – aprendem sobretudo a brincar e na interação com pessoas de carne e osso. Por exemplo, quanto mais ouvem falar e falam nessa idade precoce, melhor dominam a linguagem mais tarde.

Alguns estudos, por outro lado, descobriram uma relação nas

crianças entre uso de meios audiovisuais e deficiências de atenção e de fala. Mas não foi demonstrado que um seja causa do outro.

(Fonte: American Academy of Pediatrics) ■



PANORAMA



Imparável

Unstoppable

Realizador: Tony Scott

Atores: Denzel Washington; Chris Pine

Música: Harry Gregson-Williams

Duração: 95 min.

Ano: 2010

Um comboio sem condutor, carregado de produtos inflamáveis desloca-se desgovernado a alta velocidade. Uma falha humana colocara-o em andamento. Ao aproximar-se de uma cidade aumentam os riscos de descarrilar e explodir. Esta história real ocorrida em 2001, termina bem devido à coragem de dois homens... e não só.

Um experiente maquinista e um novato estão de serviço nesse dia numa locomotiva. Falam um com o outro... O mais velho recebera a carta de despedimento e o jovem é o rival que pode vir a tomar-lhe o lugar. Ambos atravessam crises familiares. De repente, dão-se conta do que se passa. Hesitam... mas decidem atuar. Sabem, no entanto, que para travar o outro comboio, precisam do apoio um do outro.

Estabelecem contacto com a companhia ferroviária. Fazem perguntas concretas e traçam um

plano. As chefias não estão de acordo com a iniciativa, mas o pessoal intermédio apoia-os e vai-lhes dando os dados oportunos. Os dois homens tomam as decisões com base nessas informações. Aceitam a opinião de peritos, mas vão avaliando constantemente a evolução dos resultados. Vão ganhando confiança, mas enfrentando os problemas com soluções plausíveis e... conseguem.



Tópicos de análise:

1. As dúvidas resolvem-se analisando a raiz da questão em si mesma.
2. Aceitar a opinião dos outros depende da confiança que se estabeleceu.
3. Uma empresa deve zelar mais pelas pessoas do que pelos números imediatos.
4. A motivação real surge de dentro do sujeito e não “comprada” por algo exterior.

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE ▣





DOCUMENTAÇÃO



Comunicar através de histórias

No excesso informativo próprio da nossa época, com múltiplas vozes contraditórias, o difícil é suscitar interesse e captar a atenção. Para o conseguir, a comunicação política e empresarial recorrem cada vez mais a contar histórias (o chamado *storytelling*), a transmitir ideias com testemunhos, a colocar rostos nas mensagens. Na comunicação política já não se luta tanto por um programa, como pela história de um candidato. No *marketing* já não se vende um produto, mas a oportunidade de participar na experiência que proporciona. Um público bombardeado com propostas e que tende a escolher por razões emotivas, necessita de algo mais do que ideias.

Isto vale também para a comunicação da Igreja Católica. Certamente, a Igreja tem grande confiança na capacidade da razão para se abrir à comunicação intelectual e descobrir a verdade. Por isso, também ao intervir no diálogo dos *mass media*, a Igreja tende a oferecer razões, dados, argumentos. Mas, numa sociedade pluralista, a proposta da Igreja pode ser encarada como mais um discurso, com a única diferença de, muitas vezes, se deparar com maiores preconceitos. Daí a importância de que essa comunicação chegue através de histórias, de testemunhos, de personagens, que mostrem como a fé influencia as suas vidas e deem

credibilidade à doutrina. São necessárias pessoas que o façam.

Para ultrapassar a barreira do desinteresse

Este foi o tema de um seminário profissional realizado na Pontificia Università della Santa Croce, em Roma, um encontro que já se está a transformar num compromisso esperado entre os profissionais do setor da comunicação na Igreja (*“Comunicazione della Chiesa: volti, persone, storie”*). Pontificia Università della Santa Croce, School of Church Communications; Roma, 16-18 abril 2012). Este ano, participaram trezentos profissionais de quarenta países.





As propostas da Igreja sobre o homem correm o risco de aparecer como conceitos abstratos, ou como leis que não têm muito a ver com as experiências e as aspirações profundas da pessoa. Mas, será que comunicar através de histórias, não implica deixar à margem a verdade e entrar no jogo da manipulação das emoções?

Segundo Armando Fumagalli, Professor Auxiliar de Semiótica da Universidade Católica de Milão, trata-se mais de um recurso para remover os obstáculos com que muitas vezes se depara a comunicação da Igreja: desinteresse perante o espiritual, preconceitos ideológicos, estereótipos e simplificações... “Comunicar mais através de histórias não significa transformar a verdade em mentira,

ou ‘embelezar’ no sentido de manipular a verdade. Significa vir a superar, em muitos casos, as barreiras do desinteresse, da frieza, do preconceito. Para nos abirmos à verdade, precisamos muitas vezes que a emoção, a empatia, faça surgir o interesse pela própria verdade. Caso contrário, até o verdadeiro corre o risco de se diluir no indistinto, ou no rumor de fundo e, portanto, no insignificante ou, diretamente, no esquecimento”. Trata-se de conseguir “uma comunicação que não só seja verdadeira, como também eficaz”.

Oferecer testemunhos

Para que seja eficaz, o diretor de comunicação tem de se ocupar da procura de bons testemunhos de fé vivida a oferecer aos meios de

comunicação, como explicou o Prof. Jorge Milán, referindo-se ao mundo audiovisual. Nalguns casos, terá a ver com a resposta a solicitações repentinas provocadas pela atualidade (a incluir em telejornais, em programas informativos...), noutros para os colocar na página *web* própria ou incluir num vídeo institucional. Devem ser, disse, “pessoas que encarnem a identidade da instituição”, que saibam dar a cara no meio audiovisual, que tem as suas regras próprias.

Para isso, há que descobrir talentos, prepará-los e confiar na sua espontaneidade e criatividade. Depois, o diretor de comunicação terá de explicar ao jornalista interessado os motivos pelos quais essa pessoa é interessante

»»



e que tema pode abordar. Têm de poder oferecer testemunhos relevantes e pertinentes, inteligíveis e claros (no formato televisivo), testemunhos que estabeleçam uma empatia com o espetador e desbloqueiem os preconceitos.

Boa iniciativa neste campo foi a “Catholic Voices”, desenvolvida na Grã-Bretanha durante a preparação da visita de Bento XVI em setembro de 2010. Como explicou um dos seus criadores, Jack Valero, tratava-se de preparar um grupo de jovens católicos a saberm explicar na rádio e na televisão a posição da Igreja sobre os temas mais conflituosos, onde a doutrina católica depara com mais críticas e desinformação. Sempre com uma atitude positiva e não defensiva, mais desejosa de tra-

zer luz do que calor ao debate, as suas intervenções foram uma demonstração de ser possível conjugar uma boa comunicação com plena fidelidade pela doutrina e ganhar o respeito da audiência.

Depois do êxito na Grã-Bretanha, os seus criadores estão a formar grupos similares noutros países (México, Espanha, Chile, Polónia, Argentina...). Sem dúvida que é uma necessidade sentida em muitos outros sítios, a julgar pelo interesse que suscitou a intervenção de Valero e a rapidez com que se esgotou o material informativo que trouxe.

Os rostos das notícias

Noutro tipo de situações, o que tem de se vencer é mais a indife-

rença. É o que acontece na República Checa, considerado um “país ateu” e onde os católicos são apenas 10% da população. Monika Vývodová, porta-voz da Conferência Episcopal Checa, apresentou o projeto “Jsem katolik” (“Eu sou católico”), em que personagens conhecidas do país se declaram católicas e explicam como a fé influencia a sua vida. Também a morte de Václav Havel, batizado como católico, que depois se afastou e, no final da vida, foi tratado por religiosas, tendo pedido um funeral religioso, foi uma ocasião para estender pontes entre a Igreja e a sociedade.

Muitas vezes, as imagens televisivas mudam a perceção que se tem da personagem. É algo bem

»»



comprovado nas viagens de Bento XVI, como explicou Javier Martínez-Brocal, que acompanhou as viagens do Papa para a agência de televisão “Rome Reports”. A simplicidade, a amabilidade, a abertura de Bento XVI perante as pessoas, dissipam muitos preconceitos. E também servem para explicar o que faz mover muitos dos que vão vê-lo. Por exemplo, essa mulher mexicana que esperou horas na estrada para ver passar, durante um momento, o Papa. Quando lhe perguntaram se a espera tinha sido compensadora, respondeu: “Eu não vim para ver o Papa, mas para que o Papa veja que gostamos dele”.

A comunicação através de histórias pessoais pode ser tam-

bém um modo de evitar que a informação religiosa se concentre apenas nos problemas da Igreja como instituição, que muitas vezes não interessam a um público alargado.

Estes testemunhos são indispensáveis nas transmissões televisivas, e são um modo eloquente de falar da experiência cristã. Nesta linha, Mark Riedemann, diretor do CRTN (Alemanha), mostrou imagens do programa semanal “Where God Weeps”, que revela histórias e rostos de cristãos em países onde a fé é perseguida: cristãos do Paquistão à China que sofrem a perseguição do Estado ou de fundamentalistas.

Outras vezes, trata-se de apresentar histórias como respostas a

controvérsias. Por exemplo, o documentário “Diez preguntas a un sacerdote” do argentino Juan Martín Ezratty, sobre a experiência pastoral contada por alguns sacerdotes argentinos, que mostra personagens felizes na sua vocação.

Até na altura de utilizar *spots* publicitários, os testemunhos são importantes. Foi o que fez a campanha “Chiedilo a loro”, a mostrar com rostos que pessoas são atendidas com o dinheiro obtido pela Igreja através da dotação fiscal em Itália.

Também contava uma história, o documentário do realizador de cinema alemão Marcus Vetter, autor de “Heart of Jenin”, sobre a família de uma criança palestina de

»»



doze anos morta em Jenin, no ano de 2005, por soldados israelitas. Era filho de um combatente palestino que tinha estado preso em Israel. A criança foi atendida num hospital israelita, onde morreu, e o seu pai, num gesto extraordinário, permitiu que os órgãos do seu filho fossem transplantados para crianças israelitas. O filme conta estes

factos e as visitas do pai palestino às três crianças que receberam os órgãos do seu filho. Vetter explicou que a chave para superar os preconceitos e comunicar a verdade, está no encontro pessoal. Deve “ir-se ao encontro do outro com espírito fraternal e mente aberta”, para superar preconceitos e estereótipos afastados da realidade.

Apresentar histórias de fé com testemunhos credíveis é hoje um aspeto muito importante da comunicação da Igreja. Ao fim e ao cabo, o Evangelho também é a história de Jesus contada por testemunhos fidedignos. ■



DOCUMENTAÇÃO



Warren Buffett, salvador de jornais

Warren Buffett disse há três anos aos acionistas da sua empresa, Berkshire Hathaway, que não compraria nem mais um só jornal, nem que fosse quase oferecido. Todavia, fê-lo com 63 diários locais, e num momento em que a imprensa atravessa dificuldades e dá pouco dinheiro ou apenas prejuízos. Christine Haughney explica no “The New York Times” que ideia tem Buffett sobre este negócio.

Buffett está convencido de que existe futuro para a imprensa muito concentrada na informação local. Pelo contrário, não está interessado nos jornais de grandes metrópoles ou de zonas com

população dispersa. Dando como exemplo uma cidade de quase 50.000 habitantes, afirma: “Em Grand Island (Nebraska), toda a gente está interessada no comportamento da equipa de futebol americano, em quem se casa, talvez ainda mais em quem se divorcia. Se se vive no centro-sul de Los Angeles, não se tem interesse em saber quem morreu em Beverly Hills”.

De qualquer forma, também a imprensa local sofre a crise, e Buffett reconhece que não sabe bem como fazer para que seja rentável na era digital. “Não tenho nenhuma fórmula mágica. Nos Estados Unidos, existem ainda

1.400 diários. O que é bom nisto é que alguém virá a encontrar a solução e poderemos copiá-la. Dentro de dois ou três anos estará muito melhor definido o modo de combinar as edições digitais e as impressas”.

O que Buffett pode fazer com um jornal viu-se já no “The Buffalo News”, que comprou em 1977. Apoiou-o em tempos de prejuízos, injetou-lhe capital, lançou uma edição dominical, ganhou a partida ao principal concorrente, que teve de fechar. E tudo isso sem se intrometer na direção editorial e deixando os jornalistas com liberdade. “Buffett protegeu o jornal desde que o comprou”, diz um





antigo redator. “Gastou milhões e milhões de dólares quando os jornais estavam em declínio”.

Hoje, o “The Buffalo News” volta a estar em apuros. Os lucros baixaram drasticamente e houve cortes de pessoal. Mas Buffett não

retirou o seu apoio prestado ao jornal.

(Fonte: “The New York Times”) ▣

**Partilhe com a AESE as suas
questões, Notícias e Passaporte
(elianalucas@aese.pt)**

AESE Lisboa

Júlia Côrte-Real
Telemóvel (+351) 939 871 256
Telefone (+351) 217 221 530
Fax (+351) 217 221 550
j.cortereal@aese.pt
Edifício Sede, Calçada
de Palma de Baixo, n.º 12
1600-177 Lisboa

AESE Porto

Carlos Fonseca
Telefone (+351) 226 108 025
Fax (+351) 226 108 026
carlos.fonseca@aese.pt
Rua do Pinheiro Manso,
662-esc. 1.12
4100-411 Porto

Seminários

Filomena Gonçalves
Telemóvel (+351) 939 939 639
Telefone (+351) 217 221 530
seminarios@aese.pt

Alumni

Abdel Gama
Telefone (+351) 217 221 530
abdelgama@aese.pt

www.aese.pt

Formulário de cancelamento:

www.aese.com.pt/cancelamento

Formulário de novas adesões:

www.aese.com.pt/adesao